



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

JULIANA DE SOUZA FERREIRA

**Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de Projetos Experimentais.
Orientador: Prof. Fernando Crocomo**

**Florianópolis
Junho de 2013**

JULIANA DE SOUZA FERREIRA

ACOLHER

Relatório final de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, do Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a aprovação na disciplina **Projetos Experimentais** ministrada pela **Profa. Gislene Silva**, no primeiro semestre de 2013.

Orientador: Prof. Fernando Crocomo

Florianópolis
Junho de 2013

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	3
1.1 Apresentação do Tema e Justificativa.....	3
1.2 Formato.....	6
2. PRODUÇÃO.....	8
2.1 Pauta.....	8
2.2 Apuração.....	10
2.3 Roteiro.....	13
2.4 Edição.....	14
3. ORÇAMENTO.....	15
4. DIFICULDADES, DESAFIO, APRENDIZADO.....	16
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
6. ANEXO.....	21
6.1 Ficha para arquivo na Hemeroteca.....	21

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E JUSTIFICATIVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso é uma grande reportagem em vídeo sobre o agroturismo como uma opção de renda extra para os agricultores de Santa Catarina se manterem no campo com qualidade de vida. Nesta modalidade de turismo, as famílias de agricultores hospedam os turistas em suas propriedades, compartilhando com eles seus modos de vida, rotina de trabalho e cultura local.

No Estado, a associação Acolhida na Colônia, criada pela engenheira agrônoma Thaise Guzzatti em 1999, é composta por mais de 170 famílias de agricultores e trabalha com a proposta de valorizar o modo de vida no campo por meio do agroturismo. Esta grande reportagem enfatiza os relatos de pessoas que trabalham ou têm alguma relação com este modelo de turismo, contando suas histórias de vida.

O agroturismo é apontado como uma ferramenta importante na construção de um desenvolvimento sustentável do espaço rural. Isso porque seu principal produto é o(a) agricultor(a), seu modo de vida, sua cultura e tradições, seu trabalho e o meio ambiente onde vive, justificando-se o interesse da atividade turística em manter e valorizar estes “bens”. (GUZZATTI, 2003, p. 17)

Segundo o Censo Agropecuário do IBGE, realizado em 2006, existem, no país, 4.367.902 estabelecimentos de agricultura familiar, o que representa 84,4% do total de estabelecimentos agropecuários. Em Santa Catarina, a agricultura familiar está ainda mais presente se comparado com o total de estabelecimentos. São 168.544 estabelecimentos de agricultura familiar, o que corresponde a 87% dos estabelecimentos rurais no Estado.

Além disso, segundo dados do Censo Demográfico de 2010, entre os anos de 1991 e 2010, por exemplo, a população urbana do Estado aumentou de 70,6% para

84%, enquanto a rural passou de 29,4% a 16%. Sendo assim, o agroturismo pode ser considerado uma alternativa para frear esse movimento de êxodo rural, agregando renda e qualidade de vida às famílias que optam pela vida no campo.

As dificuldades encontradas pelos agricultores têm provocado um forte processo de esvaziamento populacional e de empobrecimento no meio rural, com claros reflexos negativos sobre o seu patrimônio cultural e ambiental. Diante desta situação se coloca o desafio de gerar novas oportunidades de trabalho e renda e aumentar a atratividade do espaço rural, especialmente para os jovens aí residentes. O agroturismo, inserido em uma proposta maior de desenvolvimento territorial, vem sendo apontado como uma possibilidade de responder a esse desafio. (GUZZATTI, 2003, p. 21)

Sendo assim, atualmente o ambiente rural não se limita apenas à produção de alimentos ou matérias primas. “A agricultura familiar acaba incorporando de forma integral, atividades relacionadas com a organização dos agricultores, produção, beneficiamento, comercialização de produtos agrícolas e não-agrícolas, artesanato e turismo com o intuito de agregar valor à produção e aumentar a renda”, avalia Quadros (2012, p. 55).

Este Trabalho de Conclusão de Curso se justifica pelo papel do jornalismo de mostrar aspectos da realidade que englobem informação e interesse público.

Hoje, 80% dos brasileiros vivem nas cidades. Do ponto de vista histórico-sociológico, não causa nenhuma surpresa saber do interesse de muitos moradores metropolitanos por produtos, mídia e valores vinculados de alguma maneira ao meio rural. Tal ocorrência, porém, tem se intensificado nesta última passagem de século e parece inserida numa espécie de espírito do tempo. (SILVA, 2004, p. 2)

Considerando o apontamento de Silva, esta proposta de tema para uma reportagem em vídeo pode atrair tanto a atenção da população rural que está sendo representada, quanto da população urbana que, cada vez mais, demonstra interesse por se aproximar do modo de vida no campo.

Quando se trata da mídia pautada sobre o rural, a atenção do leitor ou telespectador passeia por interesses os mais diversos. Das técnicas de plantio à música sertaneja, da biotecnologia ao turismo rural e à preservação do ambiente, da criação animal às receitas de comidas típicas. Para além da rentabilidade agrícola, o que se busca é manter contato com os *modos de vida no campo*, e é aí que se pode começar a tecer reflexões sobre novas e antigas formas de relação do homem com a natureza. (SILVA, 2004, p. 3)

1.2 FORMATO

Em *Gêneros e formatos na televisão brasileira*, Souza sugere que existem três categorias que abrangem a maioria dos gêneros televisivos. São elas: entretenimento, informativo e educativo. Nesse contexto, ele defende que toda e qualquer produção para a televisão precisa se

apresentar como entretenimento. “Todo programa deve entreter, senão não haverá audiência.” (SOUZA, 2004, p. 39) Porém, o fato de entreter, como é a pretensão deste Trabalho de Conclusão de Curso, não impede que a reportagem televisiva compreenda, também, caráter informativo e educativo. “Em suma, qualquer que seja a categoria de um programa de televisão, ele deve sempre entreter e pode também informar. Pode ser informativo, mas deve também ser de entretenimento.” (SOUZA, 2004, p. 39)

Esta grande reportagem em vídeo trabalha com base no conceito descrito por Souza (2004, p. 40) como sendo uma estratégia inovadora de mídia, “denominada entretenimento-educação e definida como inserção de conteúdo educativo em mensagens de entretenimento com o intuito de ampliar o conhecimento de um assunto ou tópico.”

Entre as opções de gênero compreendidas no jornalismo televisivo, a escolha da grande-reportagem se dá porque ela se caracteriza por ser “tópica (concentra a atenção sobre uma situação, um fenômeno ou um acontecimento determinado) e intensiva (trata os assuntos em profundidade e aborda várias facetas)”. (JESPERS, 1998, p.168)

Além disso, o gênero grande-reportagem condiz com as pretensões deste Trabalho de Conclusão de Curso, pois ela exibe uma situação particular com o objetivo de representar um contexto mais amplo, exemplificando-o.

Esta reportagem apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso tem, ao todo 30 minutos, sem divisão em blocos. O roteiro inicia com a apresentação dos principais entrevistados e segue mostrando a história de cada uma das três famílias abordadas. Além dos depoimentos, as cenas representam imagens da vida no campo e das belezas naturais das propriedades. A trilha sonora foi cedida pelo músico Domingos de Salvi e contem músicas que foram feitas originalmente para os documentários *A criação de Unidades de Conservação*, *O trabalho da Imaflora em Unidades de Conservação*, *O que são Unidades de Conservação*, *A consolidação das Unidades de Conservação*, *Jaracatiá o fruto e seu doce – Preservando a Biodiversidade*, além das músicas *Gedeando* (Autoria Domingos de Salvi) e *Alecrim Dourado* (Domínio Público).

2. PRODUÇÃO

2.1 PAUTA

Inicialmente, no semestre 2012.2, o meu Projeto era uma reportagem em vídeo sobre o estágio de vivência do curso de Agronomia. No estágio de vivência, os estudantes passam 30 dias em propriedades de agricultura familiar, convivendo com as famílias e absorvendo, na prática, os conhecimentos, técnicas e modo de vida dos agricultores. Até o início de 2013, eu já havia entrado em contato com os professores do curso e definido quais alunos acompanharia no estágio.

Comecei a mudar de ideia no momento em que me senti muito dependente das definições do curso e dos professores. Qualquer mudança de planos por parte deles ou dos agricultores que receberiam os alunos, meu TCC poderia se tornar inviável. Então, parti para o plano B, que já estava sendo considerado e dependia muito mais de mim para dar certo: o agroturismo.

A ideia da pauta sobre agroturismo resultou do estágio que fiz no programa televisivo *Contemporânea – A arte de ser mulher*, no qual propus e executei o roteiro de uma entrevista com a engenheira agrônoma Thaise Guzzatti, que fundou a associação Acolhida na Colônia e foi premiada diversas vezes por seu trabalho. Na época, a proposta da entrevista era falar sobre a vida e a trajetória profissional de Thaise, mas fiquei com a vontade de fazer

uma reportagem sobre a associação e a oportunidade surgiu com o Trabalho de Conclusão de Curso.

O primeiro passo foi acessar o site da Acolhida na Colônia e escolher, entre as mais de 170 propriedades associadas, aquelas que eu iria visitar para gravar as entrevistas. Adotei o critério de optar por histórias interessantes e que se diferenciavam uma da outra. Os destinos escolhidos foram Agrolândia, Anitápolis e Urubici. Então, entrei em contato com a Thaise, para falar sobre a minha ideia de reportagem. Ela concordou com as pousadas escolhidas e propôs que eu viajasse junto com uma das técnicas da associação, a engenheira agrônoma Lucilene Assing. Na oportunidade, Thaise sugeriu que eu não a entrevistasse e que focasse mais nos agricultores e em suas histórias, exatamente como eu pretendia. Assim, resolvi que, na reportagem, as questões referentes ao desenvolvimento da associação seriam respondidas pela Lucilene.

2.2 APURAÇÃO

Entre a reunião com a fundadora da Acolhida na Colônia, que aconteceu em 28 de fevereiro, e a viagem, em 18 de março, aproveitei para estudar um pouco mais sobre o agroturismo, conversar com meu orientador e preparar

uma ideia inicial de roteiro, que serviu como guia para a elaboração das perguntas para cada família.

A viagem para as gravações aconteceu entre 18 e 24 de março, com dois dias de estadia em cada município. Comecei por Anitápolis, segui para Agrolândia e encerrei a semana em Urubici. Como não tive nenhum contato anterior com as famílias, aproveitei o primeiro dia para conhecer suas histórias e determinar quais aspectos seriam abordados no vídeo e, no segundo dia, gravei as entrevistas e imagens de apoio.

Em Anitápolis, o entrevistado foi o Fernando Monteiro, proprietário do Sítio Pasárgada. Optei por essa entrevista, pois Fernando se diferencia por ser de São Paulo e, ao decidir mudar de vida e sair do ambiente urbano, escolher o interior catarinense como destino.

No município de Agrolândia, entrevistei o casal Inelsir e Celso Graupner, proprietários da pousada Recanto da Colina. Nesse caso, o que me chamou a atenção foi a persistência de se manterem no campo. Ao conhecer suas histórias, percebi que, ao longo dos anos, eles investiram em diferentes atividades para obter renda.

Já em Urubici, entrevistei Irma e Evaldo Beckhauser, da Pousada e Produtos Coloniais Beckhauser. A questão relevante para a escolha, além dos variados

meios de obter renda, foi a mudança para a produção orgânica e a formação de uma associação de cultivo orgânico com a vizinhança da comunidade.

Viajei para as gravações com algumas ideias iniciais, mas aberta para mudanças ao longo da experiência. E foi o que aconteceu. Em Urubici, o roteiro começou a caminhar de outras maneiras. Primeiro, porque percebi que as conversas estavam rendendo mais e eu teria mais material para utilizar na edição. Depois, porque lá conheci um dos filhos do casal, o Helvio Beckhauser, que continua morando com os pais e auxiliando na pousada, mas cursou a faculdade e é professor no município. Além disso, fiquei sabendo que o casal tinha outra filha, Keler Beckhauser, que se mudou para Florianópolis para cursar a faculdade de Letras e resolveu seguir a vida na capital, ministrando aulas em um curso de idiomas. Dessa forma, resolvi entrevistar os dois e incluí-los na reportagem.

Durante a viagem, também em Urubici, aproveitei para entrevistar turistas de Blumenau, que por coincidência estavam hospedados nos mesmo dias, e um grupo de motociclistas de Teresópolis (RJ) que parou para conhecer a pousada e fazer compras na loja de produtos coloniais que a família mantém.

Na etapa de apuração, passei por um momento inusitado. Depois de concluir as entrevistas com a família Beckhauser, estávamos conversando e eles relataram a dificuldade que tinham em falar em frente à câmera. Então, confessei que comigo não era diferente e que, no lugar deles, talvez eu não quisesse participar. Ao que eles responderam: “Ah é? Então pode preparar a câmera que agora nós que vamos te entrevistar”. Nesse momento de descontração, gravamos o quadro *De frente com a Família Beckhauser*, que não pode ficar de fora e foi incluído no encerramento da reportagem.

2.3 ROTEIRO

Viagem e gravações concluídas. É hora de começar a rever e avaliar o material capturado. O primeiro passo foi assistir todas as entrevistas na íntegra, anotando os minutos e transcrevendo os trechos que poderiam ser utilizados. Depois disso, parti para a produção do roteiro. Estabeleci uma ordem lógica para os trechos selecionados, cortei o que considerava repetitivo ou desnecessário, incluí as primeiras idéias de narração e comecei a pensar no aspecto visual, relacionando as imagens de apoio disponíveis.

Enfim, a primeira versão do roteiro estava pronta. Apresentei a ideia em reunião com o Prof. Fernando

Crocomo, meu orientador, e repensamos juntos alguns aspectos. Ele sugeriu que eu editasse as sonoras que estavam muito longas e cortasse mais alguns trechos. Considerei os apontamentos e refiz o roteiro. Na reunião seguinte, nós lemos juntos em voz alta, para ter uma noção de como ficaria no vídeo. A leitura apontou mais algumas questões que precisavam de ajustes. Fiz as últimas alterações no roteiro e fui para o estúdio de rádio gravar os offs com a Prof^a Daisy Vogel, que fez a locução do vídeo.

2.4 EDIÇÃO

Inicialmente, eu planejava executar a pauta, a apuração e a criação do roteiro sozinha e depois terceirizar a parte da edição, por inexperiência com os programas utilizados. Mas, ao longo do processo, ouvi alguns conselhos e comecei a repensar. A vontade de acompanhar todas as etapas e poder dizer que fiz tudo aquilo sozinha falou mais alto. Então, precisei comprar um computador novo, pois o meu não suportava a edição de vídeos em HD. Para me familiarizar com o Adobe Premiere, assisti tutoriais de ferramentas que seriam necessárias para meu trabalho, no *youtube*.

No final das contas, foi muito mais simples do que eu imaginava. Continuo não dominando a ferramenta e

acredito que algumas questões poderiam ser aprimoradas, mas considero que o resultado ficou satisfatório, muito melhor do que eu imaginava ser capaz de fazer. Uma questão fundamental nesse processo foi estar adiantada com o trabalho e, no momento da edição, ter tempo suficiente para fazer e refazer.

Quando apresentei a primeira versão do vídeo para o orientador, concordamos em um ponto: o começo da reportagem estava fraco e desinteressante se comparado ao restante. Então, voltei ao roteiro e fiz ajustes, alterando alguns trechos para dar mais equilíbrio ao todo.

3. ORÇAMENTO

Serviço	Quantidade	Preço	Fonte
Hospedagem nas pousadas de agroturismo com refeições	6 diárias com desconto (R\$ 50)	R\$ 300	Próprio
Contribuição com combustível	1 tanque	R\$ 100	Próprio
Câmera Canon T4i + Lente 50 mm + Cartão de memória	1	R\$ 2150	Próprio

Notebook Dell	1	R\$ 3000	Próprio
HD Externo	2 (R\$ 280)	R\$ 560	Próprio
Total: R\$ 6.110,00			

4. DIFICULDADES, DESAFIO, APRENDIZADO

Termino este Trabalho de Conclusão de Curso com a sensação de que cumpri cada etapa da melhor maneira possível, considerando que executei todos os processos sozinha – contando com orientação e apoio de algumas pessoas, claro.

Quando tive a ideia do tema e do formato, defini que iria fazer um trabalho que agregasse conhecimento e aprendizado à minha formação como jornalista. Mas, que eu pudesse concluir com satisfação e do meu jeito. Essa decisão foi fundamental. Assim, pude fazer a reportagem sem o peso da obrigação do dever a cumprir. Definitivamente, eu fiz esse trabalho com gosto, curtindo cada etapa do processo e ansiosa pelas que estavam por vir.

A minha principal dificuldade no decorrer do trabalho, que refletiu um pouco na qualidade do produto final, foi o fato de estar fazendo uma reportagem em vídeo

sozinha. Acredito que, nessa mídia, produzir o trabalho em dupla é mais apropriado. O momento em que mais senti falta de apoio foi nas gravações, por questões técnicas. Foi complicado operar a câmera e entrevistar as fontes ao mesmo tempo, cuidando para deixá-las o mais a vontade possível. Em determinadas ocasiões, priorizei a fruição da conversa e o conteúdo, o que acabou resultando em iluminação incorreta, imagem desfocada ou ruídos no áudio.

O principal desafio, desde o princípio, foi a questão da edição, que eu não me sentia suficientemente segura para fazer sozinha, por não ter me dedicado a isso ao longo do curso. Como relatei no item *2.4 Edição*, eu pensava em terceirizar essa etapa do trabalho. Mas, ao longo do semestre mudei de ideia e, como estava adiantada, resolvi aprender a lidar com recursos básicos do Adobe Premiere, assistindo tutoriais no *youtube*, e consegui concluir todas as etapas da reportagem sozinha.

A decisão por fazer eu mesma a edição acarretou em outra dificuldade: a questão financeira. O computador que eu tinha não suportava se quer a visualização dos vídeos em HD, quanto mais instalar o programa para edição e editar. Eu já havia optado por comprar a câmera (Canon T4i) e uma lente. Os demais equipamentos (tripé,

microfone, lente extra e adaptador para entrada de microfone) eu peguei emprestado com o Laboratório de Telejornalismo do Curso e com o Prof. Fernando Crocomo. A essa altura, eu não contava com gastos extras. Mas, o jeito foi investir mais um pouco no trabalho. Comprei um notebook novo, com uma configuração que possibilitasse a edição com mais qualidade.

Tirando essas pequenas dificuldades e desafios que consegui superar, o semestre transcorreu bem e de maneira satisfatória. Mais uma vez, eu provei para mim mesma que, com dedicação e empenho, sou muito mais capaz do que imagino ser. Sou grata às pessoas que possibilitaram que essa reportagem se concretizasse. Entre tantos que eu poderia citar, resalto a disponibilidade das três famílias de agricultores que, além de me acolherem da melhor maneira em suas propriedades, aceitaram ceder as entrevistas e compartilhar suas histórias. Em apenas uma semana de viagem, aprendi muito com essas pessoas e vivi momentos que me marcaram, pessoalmente falando.

Me comovi com a dona Inelsir Graupner, de Agrolândia, dizendo que já tinha se acostumado com a minha presença e com a câmera, que iria sentir falta disso e jamais iria esquecer daqueles momentos. Me diverti com a família Beckhauser, de Urubici, que ao final de minha

estadia resolveu que era a vez de me entrevistarem, depois que confessei não gostar de falar para a câmera. Me inspirei com as falas de Fernando Monteiro, de Anitápolis, que escolheu o modo de vida que talvez eu também escolha um dia.

Enfim, ao longo desse semestre eu pude reafirmar que, realmente, o que mais me encanta no jornalismo é poder ouvir a história das pessoas e passá-las a diante. Finalmente, eu – que já cursei três semestres de engenharia de alimentos e um semestre de design industrial, que já quis fazer arquitetura, biologia, veterinária, oceanografia, cinema e agronomia – percebo que fiz a escolha certa!

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Flavio de. **Roteiro de cinema e televisão: a arte e a técnica de imaginar, perceber e narrar uma estória**. 3. ed Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**. Lisboa: Pergaminho, 1992.

GUZZATTI, Thaise. **O agroturismo como instrumento de desenvolvimento rural; Sistematização e análise das estratégias utilizadas para a implantação de um programa de agroturismo nas Encostas da Serra Geral Catarinense**. Florianópolis, 2003.

JESPERS, Jean-Jacques. **Jornalismo televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

MUSSOI, Eros Marion. **Agricultura Familiar: Reflexão a partir de novas perspectivas**. Florianópolis: Aped Editora, 2002.

QUADROS, Clarissa de. **A participação dos jovens nas agroindústrias familiares do litoral sul catarinense e as implicações no processo sucessório**. Florianópolis, 2012.

SILVA, Gislene. **Mídia e Recepção: sinapses possíveis**. São Bernardo do Campo, XXII Encontro Nacional da COMPOS, 2004.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

WATTS, Harris. **On Camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC**. São Paulo: Summus, 1990.

6. ANEXO

6.1 FICHA PARA ARQUIVO NA HEMEROTECA

	FICHA DO TCC Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO		
ANO	2013.2		
ALUNO	Juliana de Souza Ferreira		
TÍTULO	Acolher		
ORIENTADOR	Fernando Crocomo		
MÍDIA		Impresso	
		Rádio	
	X	TV/Vídeo	
		Foto	
		Web site	
		Multimídia	
CATEGORIA		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	X	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis () Brasil (X) Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____